
DO COMEÇO AO FIM: UMA LEITURA HISTÓRICA DAS RELAÇÕES HOMOFÉTIVAS NO CINEMA CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO.

Fernando Domingos de Aguiar Júnior
fernandojp9@hotmail.com

Graduando em História pela UEPB, Guarabira e aluno bolsista pibic pelo projeto:
História, Mídia e Identidade: A Homofobia e o Homoerotismo na TV e no Cinema
Brasileiros (1960-2008).

Dr. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega
elisammn@hotmail.com

Professora Doutora atuando na UEPB em Guarabira, coordenadora do projeto História,
Mídia e Identidade: A Homofobia e o Homoerotismo na TV e no Cinema Brasileiros
(1960-2008)

Nos últimos dois séculos percebemos com facilidade que o tema sexualidade conquistou novos espaços de divulgação e de debates, se tornando definitivamente uma temática que vem assumindo um caráter “emergencial”, central e prioritário não apenas nas rodas de conversas das famílias, mas também durante as celebrações religiosas nos templos, nas seções de votos das câmaras de deputados e marcando presença em outras inúmeras pautas de reuniões ou ocupando um lugar central nas produções, sejam elas científicas artísticas, entre outras. Estes espaços se tornaram de certa forma responsáveis pela construção de novas imagens, significações, interpretações, leituras e também de novas perspectivas que hoje são dadas as inúmeras faces da sexualidade, algumas dessas faces por muito tempo foram não apenas ignoradas e excluídas, mas massacradas, oprimidas e vivenciadas no invisível ou no armário (*closet* – numa tentativa de demonstrar vivenciar uma vida amorosa aceitável), se transformando em alvos constantes de preconceito, discriminação e atos ou crimes de ódio.

Essa onda de importância e de relevância que tem sido outorgada ou direcionada ao tema das diversidades sexuais, surge como uma prova ou um sinal de que o desejo e a sexualidade deixaram de ser definitivamente interpretados ou percebidos como assuntos de segunda categoria ou de menor importância. Percebemos uma transformação social, antes “iniciada” pelas transformações econômicas e religiosas, na contemporaneidade esta acontece sob uma nova perspectiva: a sexualidade. Realizando uma das releituras mais intrigantes e relevantes dos últimos

tempos, surge a *Teoria Queer*, que busca pensar a sociedade a partir das margens, dos marginalizados, dos excêntricos, dos estigmatizados e vistos como não parte do humano. O termo *queer* no inglês tem várias significações: esquisito, estranho, excêntrico, anormal e uma série de xingamentos dirigidos aos que transgridem a padronização de gênero e da sexualidade, expressões estas que estabelecem uma conotação de desonra, pecado e perversidade, delimitando o lugar social dos “diferentes” ou o lugar das lésbicas, dos gays, dos travestis, dos transgêneros e dos bissexuais, lugar este sempre estigmatizado por representar alguma forma de desvio, logo uma ameaça a ordem estabelecida. *Queer* se recusa a enumerar classificar ou dissecar as sexualidades “anormais”, mas se dispõe a evidenciar os processos invisíveis e velados devido aos julgamentos da normatividade. Surgida em meados da década de 1980, em meio ao dramático avanço da epidemia de HIV ou da AIDS, o termo *queer*, foi apropriado nos EUA por inúmeros grupos que buscavam denunciar os efeitos normativos e excludentes quer seja do governo americano frente à epidemia, da sociedade, como também dos próprios movimentos feminista, gay e lésbico devido as suas políticas identitárias hegemônicas. Como um movimento de oposição, *queer* desafia o próprio regimento da sexualidade, responsável pela construção dos sujeitos como sexuados e marcados pelo gênero, que propõe uma política binária entre a heterossexualidade e a homossexualidade. Por fim o movimento ou a teoria *queer*, quer agrupar todos aqueles e todas aquelas, que adotam as identidades sexuais ou as identidades de gêneros, diferentes das normas heterossexuais, simultaneamente contestando o fato de serem colocados ou atribuídos a uma categoria, sempre dentro da proposta binária.

Limitada as relações consideradas naturais ou normais, ou seja, aquela que envolve um homem e uma mulher, a sociedade brasileira percebe e admite as outras relações sexuais e afetivas como “diferentes” por estarem fora do padrão normativo. Esta percepção ou opinião coletiva aponta para sujeitos que passam a ser inscritos sob o signo ou a marca da infâmia, deste modo é afirmado que em meio à sociedade normativa não há espaço para os “diferentes” que pouco a pouco se constituem em alvos de preconceitos e discriminações. Uma das maiores vítimas dos atos de preconceito,

violência e discriminação são os homossexuais, estes são reduzidos pelo preconceito e pelo ódio ou pela homofobia como a “minoria”, estigmatizada e deixada à margem.

Foi depois do século XIX que a prática homossexual passou a ser definida como um desvio de conduta ou anormalidade, prática que haveria de marcar e diferenciar um indivíduo pelos signos da infâmia como um tipo humano distinto e inferior. Os grupos dos diferentes foram instituindo o gueto e outros espaços como seu lugar social, posteriormente delimitando e identificando outras áreas de vivência como território de identidade e de representação gay. Personalidades do mundo artístico brasileiro durante a década de 1970 foram assumindo a ambiguidade sexual, rompendo com o silêncio e não apenas confrontando, mas inquietando a sociedade, despertando e fortalecendo outros movimentos como os de orgulho gay; desta maneira uma nova perspectiva vai sendo instituída em torno dos “diferentes” e da “minoria” que aos poucos passa a ganhar voz e expressão e conquistando espaços. Porém no início da década de 1980, a AIDS, trouxe à tona o preconceito e ódio que a pouco pareciam controlados e abandonados, se constituindo como o *câncer gay*, gerando um resgate da intolerância, do desprezo, da exclusão e do preconceito. No entanto também houve um retorno positivo com o surgimento da AIDS uma grande onda de afinidades e de identificação que ultrapassou as fronteiras da identidade sexual, envolvendo familiares, amigos e profissionais da saúde e em sua grande maioria não homossexuais, estabelecendo redes de solidariedade aos infectados e de combate à doença, promovendo e defendendo o sexo seguro independente da prática, da identidade ou da orientação sexual.

A prática sexual entre indivíduos do mesmo sexo foi admitida como perversa e não natural. Na tentativa de normatizar e controlar as relações homossexuais, inúmeros discursos foram gerados seja pelos religiosos/igreja, pelos cientistas, pelos psicólogos ou psiquiatras, seja pela sexologia, entre outros. O padrão instituído e permitido pela sociedade foi o padrão “correto” que seria a heterossexualidade. Logo tudo que fosse diferente dessas práticas comuns, legítimas e saudáveis seriam em contra partida além de incomum e não legítima, uma prática geradora de um caráter no mínimo duvidoso.

Assim sendo surgiram os discursos direto da “sede da perversidade”, ou a opinião da comunidade gay, que haveria de promover um discurso reverso, apresentando o outro lado da moeda ou sua própria versão a respeito do tema. Essa pluralidade em torno da sexualidade, que faz surgir novas práticas “pervertidas” ou “heréticas” como destaca o próprio Foucault, tem sido um fato constante e comum nos dias atuais.

Seguindo esta perspectiva de pensamento ou partindo da pluralidade das práticas sexuais, por muitas vezes lidas ou condenadas como heréticas pela própria sociedade, perspectiva esta que comunga com a proposta de produção da Nova História Cultural em atentar para sujeitos marginalizados e marcados pelo signo da infâmia. Em nossa pesquisa tomamos por objeto e documento principal, o filme *DO COMEÇO AO FIM* (2009), e em nossa tentativa de realizarmos uma leitura histórica desta produção cinematográfica, percebemos a mesma como um desses novos espaços constituídos e ocupados para dar voz e também legitimar a liberdade sexual em suas diversas faces, tomando aqui por foco as relações de homoafetividade e com um “agravante”: o incesto. Entre as inúmeras expressões da sexualidade, surgem outras “novas” práticas que intrigam, confundem, inquietam e bombardeiam a sociedade com questões que não podem simplesmente mais serem ignoradas. A produção brasileira foi inevitavelmente alvo de críticas e também de certa rejeição, no entanto a proposta do filme parece ter sido de defender e apresentar uma relação gay e incestuosa, não apenas como algo possível e real, mas leve e saudável. O que significa pensar que a sociedade brasileira está paulatinamente reconhecendo os “diferentes” como parte de uma sociedade.

Mesmo antes da estréia, o filme já despertou na sociedade brasileira um enorme sentimento de inquietude, era comum perceber nas pessoas que circulavam nos salões dos cinemas a reação de surpresa e de choque, diante dos cartazes que promoviam a fotografia de dois homens encenando um momento de afeto e de cumplicidade. “O pior estava por vir”, para alguns mais conservadores ao concluir que além de ser um filme que abordava uma temática gay, simultaneamente tratava de uma relação homoafetiva e incestuosa, o choque do primeiro momento só foi ampliado e em alguns instantes se transformado em aversão. Ao visitarmos alguns sites de relacionamentos e também

sobre cinema e cultura percebemos além da aversão de alguns, a celebração do momento “histórico” para outros. De uma maneira ou de outra ficou compreendido que a produção cinematográfica *DO COMEÇO AO FIM trouxe* para as telas brasileiras um tabu evitado e provavelmente uma temática não abordada até então, se a proposta do cineasta foi a de inquietar a sociedade e de atingir o consciente e o inconsciente das pessoas, invadindo o campo do imaginário social, normativo, preconceituoso e sagrado, onde a família é o maior bem que deve ser preservado e protegido por todos; tal proposta e objetivo foram alcançados.

O filme brasileiro parece ter sido norteado pela proposta da *Teoria Queer* com sua fórmula de ação mais transgressiva e perturbadora ou ousada, que por sua vez não busca, nem tenta gerar embates quanto à prática sexual homoafetiva e incestuosa, nem busca a normatização ou padronização compulsória da sociedade em respeito à prática sexual, mas exerce julgamento e determina a sentença de quem deve ficar à margem ou não da sociedade. O filme trás à tona e desperta os insultos e a discriminação também aparentemente silenciadas, mas que verdadeiramente continuam a conservar e fazer novas vítimas de homossexuais por meio do ódio e do preconceito ou da homofobia implícita e sutil que facilmente foge de uma percepção superficial. Não apenas aborda uma temática de caráter delicado, mas faz uma direta oposição e contestação se colocando contra a normatização social, porém não saindo em combate nem tão pouco declarando guerra a heterossexualidade ou qualquer outra prática ou orientação sexual. Em contra partida também a teoria queer busca da sociedade sua aprovação, tolerância ou compreensão como um ato de submissão. Mas existindo, praticando e vivendo a homoafetividade incestuosa, transmitindo certa leveza e naturalidade quanto à relação dos irmãos “Thomás” e “Francisco”. Dando destaque para o amor entre duas pessoas, regado de lealdade, fidelidade e cumplicidade; paixão, desejo e equilíbrio numa relação de afeto, amor e sexo entre irmãos, apresentando também um equilíbrio na relação que poderia até ser tomado como modelo por outros casais ainda que não homossexuais.

Ainda sobre a *Teoria Queer*, é importante entender que a sua metodologia de ação dentro deste processo e proposta de desconstrução, busca ver e pensar a

sexualidade, os gêneros e os corpos de uma forma plural, ambígua e múltipla, sugerindo novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação, tomando por alvo à oposição ou a lógica binária heterossexualidade/homossexualidade, na tentativa de combater seus efeitos quanto à hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão, uma vez que a afirmação de identidade, seja ela heterossexual ou homossexual, implicará sempre na negação daquilo ou do outro que lhe é oposto ou contrário. Considerar o impensável, pensar o proibido, questionando, problematizando, contestando todas as formas bem comportadas de conhecimento e de identidade, neste sentido se torna perversa, subversiva, impertinente, profana e desrespeitosa. A dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva, seguramente, faz pensar. É exatamente isto que a produção do cineasta Aluizio Abranches faz acontecer, pensa o provavelmente impensável ou proibido, perturba as mentes por enquanto dos brasileiros com um problema praticamente indigerível para muitos no primeiro momento. Indiscutivelmente *DO COMEÇO AO FIM*, nos faz pensar na relação gay e entre irmãos, propondo outra imagem, outra ótica e perspectiva, dando uma harmonia e um tom de leveza e felicidade, do começo ao fim do filme.

Diante da heteronormatividade a proposta do filme além de provocar e perturbar as formas convencionais de pensar e de conhecer é também de explorar a ambiguidade e a fluidez das “novas” realidades ou práticas sexuais, reinventando as relações de afeto quando trata com certa leveza e tranquilidade a relação dos irmãos Tomas e Francisco. O filme narra a história de amor dos meninos, sem ir de encontro ao confronto ou ao drama, normalmente enfrentado, como a exemplo dos embates com as tradições da sociedade e da própria família, legitimando e constituindo a relação incestuosa e gay dos dois irmãos.

“O que não vejo é obstáculos na união de corações sinceros. O amor não se turva em águas turvas, nem se curva ante a chuva. Não. É uma luz constante que a tempestade não altera. É a estrela de toda não errante, de brilho claro embora sem matéria. Não é brinquedo do tempo embora a carne sofra o peso de sua foice. Se isso for falso e provado

também, eu não escrevi e nunca se amou ninguém.” (Poema retirado do filme)

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA GERAIS

CHAUÍ, M. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand; Lisboa: Difel, 1990

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

ERTZOGUE, Mariana e PARENTE, Temis G. (orgs.). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 14.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

NÓBREGA, E. “Culturas da confissão”. In.: SILVA, A. de P. D. da (org.). **Representações de gênero e de sexualidade: inventários diversificados**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2006.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Thomaz T (org.). **O que é afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999